

Marcar e falsificar

o caso dos impressores da família Galvão

Mark and counterfeiting: the case of the Galvão printers family

Maria Teresa Payan Martins



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2384>

DOI: 10.4000/cultura.2384

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2014

Paginação: 109-121

ISSN: 0870-4546

Reférence electrónica

Maria Teresa Payan Martins, « Marcar e falsificar », *Cultura* [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 18 abril 2016, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2384> ; DOI : 10.4000/cultura.2384

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Marcar e falsificar

o caso dos impressores da família Galvão

Mark and counterfeiting: the case of the Galvão printers family

Maria Teresa Payan Martins

- 1 João Galvão, filho de Jorge Fernandes e de Bárbara Pedrosa, «natural do lugar de Urmal, termo da vila de Sintra», foi baptizado no dia 21 de Março de 1634, na freguesia de Nossa Senhora da Purificação, em Montelavar (Sintra).¹
- 2 Não é conhecida a data em que João Galvão se fixou e estabeleceu em Lisboa, mas, em Agosto de 1657, no processo inquisitorial movido ao impressor Henrique Valente de Oliveira por irregularidades cometidas na impressão da *Relação da viagem que fez ao Brasil a Armada da Companhia*, da autoria de Francisco de Brito Freire, João Galvão interveio como testemunha e declarou ser «livreiro, morador na rua Nova».²
- 3 No dia 1 de Setembro de 1661 prestou juramento e assinou nos Estaus a provisão do cargo de Familiar do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa, onde, a par de outros dados biográficos, se refere a sua actividade profissional – livreiro. Por este documento, ficamos também a saber que, à data (01.09.1661), estava já casado com Mariana de Sousa, filha de Vicente Luís, latoeiro, e de Francisca de Sousa, natural de Lisboa, e baptizada na freguesia de Nossa Senhora da Conceição desta cidade.³
- 4 Quando João Galvão começou, em 1673, a imprimir livros na sua oficina, tinha já alguns anos de experiência no ramo editorial como livreiro e editor.
- 5 Revelando estar perfeitamente integrado no meio profissional e dando mostras de prosperidade, mandou imprimir à sua custa, no ano de 1669, as obras seguintes: *Exercícios Divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva, compostos em Latim pelo venerável Doutor Nicolau Esquio Traduzidos em Portuguez por ordem de João Galvão, Familiar do S. Officio, & a sua custa impressos*. Lisboa, por António Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza. Ano de 1669 e *História dos Milagres do Rosário da Virgem, Nossa Senhora*. Lisboa, por António Craesbeeck de Mello, 1669. À custa de João Galvão. Situação idêntica repetiu-se em 1670: João Galvão foi o editor da obra intitulada *A Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, impressa em Lisboa, na oficina de António Craesbeeck de Mello.

- 6 Como referimos, este livreiro-editor estabeleceu-se, mais tarde, como impressor, acumulando, como era habitual na época, estas funções com as de livreiro.
- 7 Pelo levantamento da produção bibliográfica saída dos prelos de João Galvão, podemos afirmar que a sua oficina tipográfica esteve em actividade de 1673 a 1694. A qualidade e o número elevado de espécies impressas atestam a solidez da sua casa impressora que se localizava na Rua Nova.



Obra impressa à custa de João Galvão, no ano de 1669.

- 8 Ao contrário da maioria dos impressores portugueses seus contemporâneos, João Galvão empregou, ao longo dos mais de vinte anos de exercício profissional, quatro marcas tipográficas, não se verificando qualquer sequência cronológica na sua utilização.
- 9 João Galvão cumpriu o preceito de estampar a sua marca no rosto e/ou no cólofon das espécies, associando a uma mera função identificadora uma dimensão estética.
- 10 As quatro marcas de João Galvão, onde não se vislumbram intenções simbólicas ou emblemáticas, têm em comum a presença das iniciais do impressor – IG – e a ausência de qualquer divisa ou ligação sémica entre a personalidade do impressor e os elementos iconográficos presentes nas marcas em apreço.



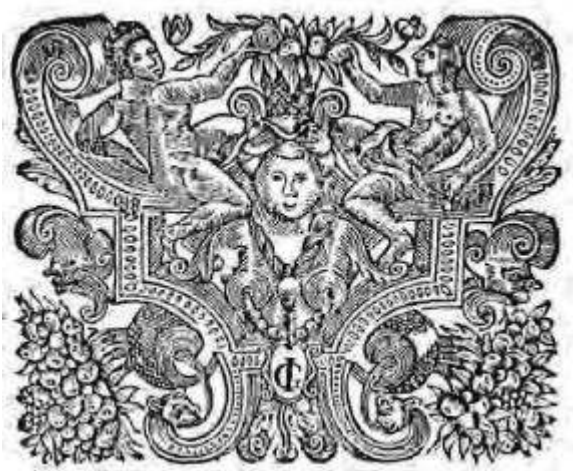
Rosto do *Sermam de Santa Cecilia*, onde se encontra estampada uma marca tipográfica de João Galrão.

- 11 Xavier da Cunha descreve sumariamente três das marcas de João Galrão na sua obra *Impressões Deslandesianas*. Socorremo-nos das suas palavras para aqui as apresentar:
- 12 1. «De João Galrão encontro por marca uma vinheta decorativa em fundo-de-lâmpada, na qual se acham representados, entre folhedos de fantasia, na parte superior um livro aberto e sobrepujado por uma coroa, na parte inferior um escudete com as iniciais I G.»



Marca tipográfica de João Galrão, inspirada na de Agostinho Courbé.

- 13 2. «A vinheta ornamental com o escudo da palmeira, adquirida por João da Costa em casa de Agostinho Courbé, veio a ser em Portugal imitada noutra chapa, que João Galrão adoptou por marca de impressor, suprimindo-lhe o escudete inferior e substituindo o escudo elíptico da palmeira por um escudete de fantasia com as iniciais I G. subjacentes a uma cruz potente.»
- 14 Esta marca surge, por exemplo, na última página do tomo primeiro da *História do Portugal Restaurado*, da autoria de Dom Luís de Meneses, Conde da Ericeira, estampado em 1679.



Marca tipográfica de João Galvão com as suas duas iniciais entrelaçadas em monograma.

- 15 **3.** «De João Galvão conheço também outra chapa com a respectiva marca
- 16 de impressor. “Marca de impressor” lhe chamo, por excesso de indulgência, – pois que, além das duas iniciais J G entrelaçadas em monograma, nenhum elemento alegórico ou emblemático encerra o desenho da gravura. Imagine-se uma chapa quadrangular de madeira, toscamente abertos nela vários elementos de ornamentação (como figuras humanas, grotescos, flores, frutos, etc.), e na parte inferior um escudete oval com o supra-indicado monograma: se não fossem as duas letras deste, dir-se-ia uma simples vinheta ornamental.»⁴
- 17 Esta marca profissional figura, entre outros exemplos que poderiam aduzir-se, no cólofon de *Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a cirurgia...*, da autoria do licenciado António Ferreira, impressa em 1693.
- 18 Xavier da Cunha não faz referência a uma marca também muito usada por João Galvão, presente, por exemplo, no tomo segundo de *O Príncipe dos Patriarcas de Sao Bento* de Frei João dos Prazeres, estampado em 1690.



Marca de João Galvão não referenciada por Xavier da Cunha.

- 19 Trata-se de uma composição de estrutura simétrica, organizada a partir de uma cornucópia, símbolo da fertilidade, da abundância e da riqueza, de onde brotam exuberantes elementos fitomórficos (flores e frutos). Na parte superior da vinheta, a ladear as flores e os frutos que saem da cornucópia, duas figuras humanas, de pé, sobre bases disfarçadas entre a folhagem: uma masculina (do lado direito do observador) e outra feminina, parecendo segurar na sua mão direita uma cruz. Na parte inferior da cornucópia, numa moldura quadrangular, encontra-se o monograma do impressor, encimado por uma cruz muito singela. A envolver esta parte central da marca, a par de uma decoração de gosto rocaille, a presença de quatro gárgulas, de onde jorram ornatos de feição vegetalista.
- 20 As marcas tipográficas de João Galvão, tal como Xavier da Cunha já denunciara para uma delas, não primam pela originalidade.



Esta marca de João Galvão é inspirada na de impressores franceses, como ilustram as imagens.

- 21 A descrita em primeiro lugar, a que ostenta um livro, talvez o livro eterno da Sabedoria, é claramente inspirada na marca do impressor parisiense que estampou, em 1647, a obra de Hugo Grotius intitulada *De imperio summarum potestatum circa sacra. Commentarius Posthumus*. Também é evidente a afinidade estética da referida marca de João Galvão com a presente no rosto da tragédia *Bérénice* de Racine, dada à estampa por Claude Barbin, em Paris, no ano de 1671.



João Galvão inspirou-se na marca de João da Costa e Diogo Soares.

- 22 A marca de João Galvão que apresentamos em segundo lugar é, como bem notou Xavier da Cunha, uma imitação imperfeita, rudimentar, da marca tipográfica utilizada por João da Costa e Diogo Soares, de origem francesa e de qualidade inegável.



João Galvão decalcou nesta marca a do impressor lisboeta Domingos Carneiro.

- 23 Também a última marca de Galvão a que aludimos, não mencionada por Xavier da Cunha, é decalcada na marca do impressor lisboeta Domingos Carneiro.
- 24 João Galvão faleceu no dia 14 de Abril de 1702, constando na sua certidão de óbito que «recebeu a extrema-unção e não recebeu os mais sacramentos por impedimento que o incapacitava».⁵ Esta mesma incapacidade obrigou-o a ditar, dois meses antes do seu falecimento, o testamento a Joaquim Correia, o qual interveio no acto como sua testemunha.⁶
- 25 De acordo com as disposições testamentárias, pediu para «ser amortalhado em o hábito de Nossa Senhora do Carmo, de onde era irmão terceiro, e sepultado no carneiro da irmandade do Santíssimo Sacramento, na freguesia da Madalena, donde fora e era irmão». Depois de designar o seu filho Padre António Galvão, clérigo do hábito de São Pedro, como testamenteiro, João Galvão elegeu sua mulher, Mariana de Freitas de Sousa, «por sua herdeira universal, assim de todos os bens que ao presente existiam no casal como de todos os mais que por qualquer via lhe pudessem vir a pertencer e, em especial, da sua terça em remuneração do que lhe tinha gasto dos bens do casal a quem pertencer a cobrança de tudo o que lhe devessem e a satisfação do que constar estar devendo».

- 26 Esta determinação testamentária decorria de já ter cumprido as suas obrigações legais em relação à sua filha Madre Mónica de Jesus, religiosa carmelita no Convento de Carnide. Em devido tempo, havia «satisfeito o dote e feito concerto com a Priora e religiosas do dito Mosteiro sobre as legítimas paterna e materna que a dita sua filha e religiosa do dito mosteiro lhe podiam vir a pertencer por sua morte e da dita sua mulher».
- 27 Não nos surpreende, neste testamento, a ausência de referências ao seu património profissional: tendo os seus dois descendentes directos abraçado a vida religiosa, João Galvão passou a sua casa impressora, em 1694, em circunstâncias ainda não bem esclarecidas, a um sobrinho – António Pedroso Galvão.⁷
- 28 Curiosamente, os últimos anos de actividade profissional de João Galvão ficaram marcados por um longo processo que lhe foi movido pelo padre procurador-geral da Companhia de Jesus da Província de Portugal, sob acusação de ter publicado a tradução portuguesa da obra *Praxis Exercitiorum spiritualium P. N. S. Ignatis*, do padre jesuíta Sebastiano Isquierdo, sem prévia autorização da Companhia de Jesus. De 1691 a 1693, João Galvão, depois de invocar o seu estatuto de familiar do Santo Ofício e de ter feito valer o privilégio de ser julgado pelo Juízo do Fisco, foi ouvido várias vezes em audiência, acabando por estabelecer como seus procuradores nesta causa três personalidades, entre as quais se encontrava o livreiro Miguel Manescal.
- 29 Em Maio de 1692, João Galvão «agravou para os Senhores do Conselho Geral do despacho de D. Sebastião da Costa que o declarava culpado», mas, em Dezembro de 1693, ganhou a acção. No preâmbulo do despacho que iliba João Galvão de responsabilidades, o Conselho Geral não se coibiu de afirmar: «E examinadas com cuidado as circunstâncias do facto sobre que se contende, não podemos deixar de fazer reparo na pouca cautela com que os autores se animaram a pôr em pela judiciária uma pretensão tão alheia do seu Instituto. Pois sendo eles os que piamente nos aconselham que não inquietemos o próximo com demandas injustas, parece que deviam confirmar a sua doutrina com o seu exemplo».⁸
- 30 Nada nos autoriza a estabelecer uma relação causal entre este pleito movido pela Província portuguesa da Companhia de Jesus a João Galvão e a cessação da sua actividade profissional, mas é inegável a proximidade entre as duas datas (Dezembro de 1693 e 1694). Para nos fixarmos apenas em dados objectivos, lembremos que João Galvão deixou de exercer a sua profissão aos 60 anos de idade, isto é, oito anos antes da data do seu falecimento.
- 31 O ano de 1694 marca a passagem de testemunho de João Galvão para António Pedroso Galvão: datam deste ano as últimas espécies saídas dos prelos de João Galvão e as primeiras estampadas na oficina de seu sobrinho António Pedroso Galvão, cumprindo-se a tradição de continuidade familiar no desempenho desta profissão.
- 32 António Pedroso Galvão estabeleceu-se na Rua dos Espingardeiros, onde permaneceu até 1739. Uma observação, ainda que superficial das espécies estampadas na sua oficina, permite concluir que o material tipográfico da oficina de João Galvão passou para a sua posse. Entre ornatos e vinhetas, as marcas tipográficas de João Galvão foram remetidas para uma função meramente ornamental.
- 33 Tudo indica que Pedroso Galvão se iniciou nas lides profissionais e ganhou experiência na arte tipográfica na oficina de seu tio, mas disto não há comprovação documental. Um dado é, no entanto, de destacar: António Pedroso Galvão foi o impressor lisboeta do século XVIII «com o maior número de obras acabadas», como o fez notar o Prof. Artur Anselmo no ensaio intitulado «O livro português na época de Dom João V».⁹

- 34 Pouco se sabe da vida deste impressor. Em Maio de 1724, em consequência do processo inquisitorial movido a Pedro Ferreira, seu colega de profissão, António Pedroso Galvão foi ouvido como testemunha, e declarou, a instâncias do Inquisidor João Álvares Soares, que «era compositor, natural de Pedro Pinheiro, termo de Sintra, morador nesta cidade, na rua dos Espingardeiros, freguesia de São Nicolau, e de 58 anos de idade».¹⁰
- 35 Onze anos mais tarde, em 1735, durante a instrução do processo de habilitação ao Santo Ofício de Maurício Vicente de Almeida, António Pedroso Galvão prestou declarações e intitulou-se «impressor e familiar do Santo Ofício». Disse ser «morador na rua dos Espingardeiros, natural de Montelavar, Sintra, e ter 66 anos de idade».¹¹
- 36 A concordância de datas não é absoluta, mas admitimos que o seguinte assento de baptismo seja o de António Pedroso Galvão: «Aos vinte e três dias do mês de Setembro de 1668, baptizei a António, filho de António Pedroso e de Francisca Serrão, moradores no lugar de Pêro Pinheiro. Foram padrinhos Francisco Migueis e Maria Migueis, irmãos, do mesmo lugar de Pêro Pinheiro. O cura Domingos Duarte».¹²
- 37 Excepto nos dois documentos acima referidos, não há rasto de António Pedroso Galvão. Mas, à volta de 1756, encontramos a sua viúva, Maria Rosa Clara, a requerer às autoridades competentes uma compensação pelas suas casas que ficaram destruídas em consequência do terramoto de 1755. O processo, longo e dificultado pelo facto de a requerente, já viúva à data do terramoto, não poder apresentar os documentos comprovativos de ser a proprietária daquele imóvel, «em razão de se lhe haverem incendiado nas mesmas casas em que assistia na antiga rua dos Espingardeiros», contém elementos de interesse.
- 38 Para suprir a documentação em falta, o seu genro, Bernardo Borges da Silva, subscreveu a declaração seguinte:
- «Por esta por mim feita e assinada atesto e certifico em como minha sogra a Senhora Rosa Maria Clara era senhora e possuidora de uma propriedade de casas sita em o fim da rua dos Espingardeiros, da parte nascente, a qual lhe pertence por lhe ficarem de seu marido António Poderoso [sic] Galvão, por morte do qual lha lançaram de sua meação em a partilha que o Juízo dos Órfãos lhe fez, sem que da dita propriedade houvesse de dar tornas algumas a minha mulher, sua única filha, porque a esta se lhe adjudicaram outros bens que havia no casal, e, por se me pedir a presente a passei e o seu conteúdo o juro aos Santos Evangelhos. Lisboa, 18 de Junho de 1756.»
- 39 A partir de 1739, a oficina de António Pedroso Galvão ficou nas mãos dos seus herdeiros até 1755. Mas tudo leva a crer que não foram os seus herdeiros directos a prosseguir a actividade tipográfica iniciada por João Galvão no século XVII e continuada por António Pedroso Galvão. Bernardo Borges da Silva, genro de António Pedroso Galvão, era fidalgo da Casa Real e nessa qualidade desempenhou vários ofícios, como o de Apontador das Moradias dos Fidalgos Cavaleiros ou o de Oficial Maior da Secretaria dos Filhamentos; Ana Joaquina Rosa, sua mulher e filha de António Galvão, em nenhuma das ocasiões em que prestou declarações públicas referiu o exercício de qualquer actividade profissional ou ligação a uma oficina tipográfica.¹³
- 40 A par de uma carreira bem-sucedida e prestigiada aos olhos da sociedade como impressor, António Pedroso Galvão desenvolveu, na sombra, ao longo da sua vida profissional, uma actividade ilícita. Muitas são as contrafacções saídas dos seus prelos; não nos custa admitir que a sua implicação em contrafacções e edições clandestinas, camufladas pela

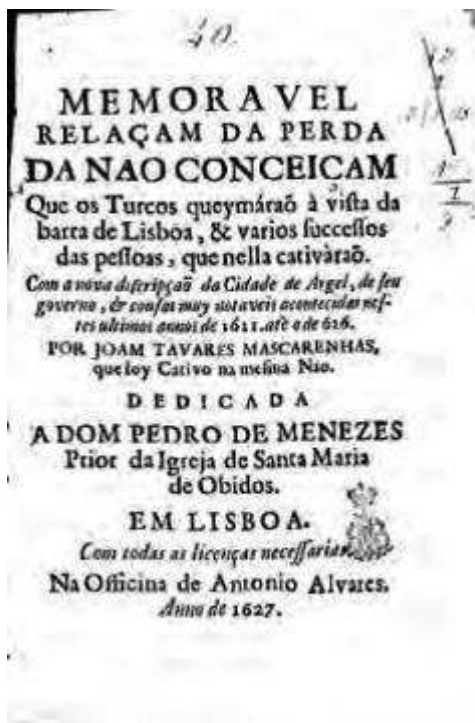
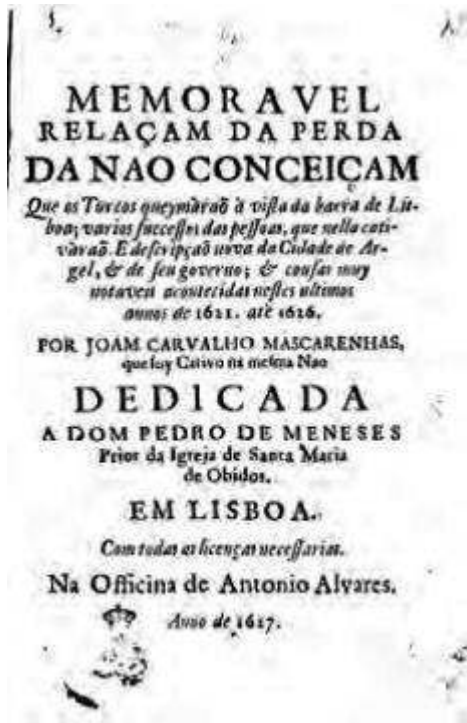
imagem de respeitabilidade que o estatuto social lhe conferia, tivesse como motivação razões de ordem financeira.

- 41 Mas não deixa de ser revelador do à-vontade com que António Pedroso Galvão se movia neste mundo paralelo da edição, o facto de estampar, em espécies pirateadas, as marcas tipográficas de seu tio João Galvão, como vinhetas ornamentais.
- 42 Por descaso, ou numa atitude de desafio ao poder instituído, o criminoso não apagou as pistas do seu delito; pelo contrário, quase o autografou.¹⁴
- 43 Em 1627, António Álvares imprimiu, «com todas as licenças necessárias», a *Memoravel Relação da perda da nau Conceição...*, da autoria de João Carvalho Mascarenhas.



Folha de rosto da *Memoravel relação da perda nau Conceição*, impressa por António Álvares, no ano de 1627.

- 44 Transcorrido cerca de um século, António Pedroso Galvão estampou, pelo menos, duas edições fraudulentas da mencionada relação de naufrágio, sem grandes preocupações de imitação da *editio-princeps*.



Rostos das contrafacções da *Memoravel relação da perda da nau Conceição*, realizadas por António Pedroso Galvão.

- 45 Nas duas impressões apócrifas, o impressor usou, na página 33, como vinheta ornamental, uma marca tipográfica de João Galvão, aquela que apresenta um livro aberto.



António Pedroso Galvão utilizou, como vinheta ornamental, a marca tipográfica de seu tio, João Galvão.

- 46 A colecção completa da primeira edição dos *Sermoes* do Padre António Vieira, constituída por catorze volumes, foi contrafeita na oficina de António Pedroso Galvão. O êxito garantido de vendas e o lucro fácil motivaram, certamente, este impressor a lançar no mercado uma edição, que, sendo falsamente a primeira, se escoava bem, sem indispor o poder instituído, em conflito aberto com a Companhia de Jesus.





Portada da edição original e da contrafacção da parte décima terceira dos *Sermões* de Vieira.

- 47 A parte décima terceira dos referidos *Sermões*, intitulada *Palavra de Deus empenhada e desempenhada...*, foi impressa em Lisboa, no ano de 1690, por Miguel Deslandes e contrafeita por Pedroso Galvão, no século XVIII.



A marca de João Galvão é utilizada como mera vinheta ornamental, numa das páginas da contrafacção do tomo décimo terceiro dos *Sermões* do Padre António Vieira.

- 48 São muitos os sinais que atestam que António Pedroso Galvão é o responsável pela paternidade desta edição-pirata, mas nenhum é tão inequívoco como a vinheta ornamental que assinala o final do «Sermão de Acção de Graças pelo nascimento do Príncipe D. João Primogénito de SS. Majestades», a páginas 120. Aí se reproduz a marca tipográfica que fora de João Galvão, onde figura a cornucópia.



DIÁLOGO.

A qual obra será posta no cathalogo das merces que
 estes reynos d'elle tem recebido: muy celebrada dos pre-
 sentes: louuada dos que uigrem depois de nós.

Fin.



Primeira e última página da *editio princeps* da *Gramática da Língua Portuguesa*, da autoria de João de Barros.

- 49 Vem a propósito mencionar uma situação pouco vulgar, mas isenta de intenções fraudulentas, que envolve um exemplar, pertencente ao espólio da Biblioteca da Ajuda, da raríssima primeira edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, da autoria de João de Barros, impressa em Lisboa por Luís Rodrigues, no ano de 1540. Numa descrição bibliográfica muito abreviada desta espécie quinhentista, de que só estão referenciados quatro exemplares, podemos dizer que a *Gramática* ocupa os cinquenta fólios iniciais e que no verso do último fólio da *Gramática* começa o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, o qual

termina no fólho 61. A preencher o espaço livre desta página, ocupada por três linhas de texto, encontra-se a marca tipográfica do impressor responsável pela publicação desta obra, destinada a «os meninos facilmente aprenderem a ler» e a conhecerem «os mandamentos da Santa Madre Igreja» – Luís Rodrigues.

- 50 A raridade desta obra explica-se, naturalmente, por ser um livro didáctico, destinado a crianças. E é a consciência dessa raridade que motiva, no século XVIII, o restauro de um exemplar incompleto, hoje pertencente ao acervo da Biblioteca da Ajuda.



DIALOGO.
*A qual obra será pôsta no cathalogo das merces que
 estes vinhos dalle tem recebidas: muy celebrada dos pre-
 sentes e louvada dos que usarem depois de nós.*
 Fim.



No restauro do exemplar hoje pertencente à Biblioteca da Ajuda, António Pedroso Galvão substituiu a marca tipográfica de Luís Rodrigues pela de seu tio João Galvão.

- 51 Tendo debaixo dos olhos um exemplar perfeito da obra em apreço, o impressor encarregado de imprimir os fólhos em falta [59 v., 60 e 60v.] serviu-se do material que tinha à sua disposição: usou um tipo de letra ligeiramente mais miúdo, o que levou a não respeitar a distribuição do texto por página, e não fez questão de mandar abrir uma

matriz semelhante à marca tipográfica de Luís Rodrigues. António Pedroso Galvão foi por um caminho mais simples e mais económico: imprimiu a marca de seu tio João Galvão.

- 52 Seguiu o original, preencheu o espaço, ornamentou-o e deixou a sua impressão digital, para memória futura.¹⁵

NOTES

1. ANTT, Registos Paroquiais. Montelavar. Mistos, microfilme 1409, ano de 1634.
2. ANTT, Inquirição de Lisboa, processo n.º 10646.
3. ANTT, Inquirição de Lisboa, Livro 106, fol. 88v.
4. CUNHA, Xavier da. *Impressões Deslandesianas. Divagações bibliográficas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2 vols., 1904; vol. 1, pp. 387-396.
5. ANTT, Registos Paroquiais. Óbitos, Salvador, Livro n.º 1, p. 83.
6. ANTT, Registo Geral de Testamentos, Livro 101, fols. 189v-190v.
7. Cf. Alvará de Privilégio concedido, em 1711, a António Pedroso Galvão para impressão do livro *Diferença entre o Temporal e o Eterno*. ANTT, Chancelaria de D. João V, Livro 35, fol. 347v.
8. ANTT, Santo Ofício, Autos forenses, João, maço 1, n.º 5.
9. ANSELMO, Artur. «O livro português na época de D. João V», in *Estudos de História do Livro*. Lisboa, Guimarães Editores, 1997, pp. 87-98.
10. ANTT, Inquirição de Lisboa, Livro 155, fols. 221-229.
11. ANTT, Habilitação a Familiar do Santo Ofício, Maurício, maço 1, doc. 10, microfilme 3453.
12. ANTT, Registos Paroquiais, Lisboa, Sintra, Montelavar, Livro B-1, fol. 29.
13. ANTT, Inspeção de Bairros, Rossio, maço 40.
14. MARTINS, Maria Teresa Payan. *Livros clandestinos e contrafacções em Portugal no século XVIII*. Lisboa, Colibri, 2012.
15. Exemplar pertencente à Biblioteca da Ajuda.

ABSTRACTS

João Galvão, fundador de uma das mais importantes oficinas tipográficas na Lisboa do século XVII, possuía quatro marcas tipográficas, as quais apresentam como característica comum a presença das suas iniciais – IG. Se muitas das espécies produzidas na oficina de João Galvão ostentam, no rosto ou no cólofon, a marca do impressor, após a sua morte, a situação altera-se. António Pedroso Galvão, sobrinho e continuador do impressor João Galvão, utilizou, até meados do século XVIII, o material tipográfico da oficina de seu tio, reduzindo as marcas tipográficas a uma função meramente decorativa. Curiosamente, em contrafacções estampadas na sua oficina tipográfica, não se coibiu de as utilizar, deixando a sua marca identificadora.

João Galvão, founder of one of the most important print houses in Lisbon from the 17th century, possessed four imprints, which presents as a common characteristic the presence of his initials-IG. If many of the species produced in the workshop of João Galvão bear, in the face or in the colophon, the device of the printer, after his death, the situation changes. António Pedroso Galvão, nephew and follower of the printer João Galvão, used, until the mid-18th century, the typographic material of his uncle, reducing the typographic marks to a merely aesthetic function. Interestingly, some counterfeiters books printed in his house have those printer devices only to decorate the pages. But they identify the author of the crime.

INDEX

Keywords: printing press in Portugal, 17th century, counterfeiting

Palavras-chave: imprensa em Portugal, século XVII, contrafacções

AUTHOR

MARIA TERESA PAYAN MARTINS

CHC/FCSH-UNL.

Doutorada e agregada em Estudos Portugueses, na especialidade de História do Livro, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tem-se dedicado ao estudo da censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Investigadora do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa e mais recentemente do Centro de História d'Aquém e Além-Mar, integra a equipa de investigação do projecto «Iconografia do livro impresso em Portugal (séculos XV-XVIII) – Marcas tipográficas e insígnias de papeleiros».

Ph. D. and aggregated in Portuguese Studies, specialization in the History of the Book (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa), she has been studying the literary censorship in Portugal during the 17th and 18th centuries. Researcher of the Centro de História da Cultura and more recently of the Portuguese Centre for Global History (Universidade Nova de Lisboa), integrates the team of researchers of the project “Iconography of the printed books in Portugal (15th-18th centuries) – Typographical marks and watermarks”.